

A presente pesquisa é pautada em estudos realizados em torno do preconceito racial velado, relacionando-o aos contextos educacionais, com destaque à perspectiva da atuação docente, na qual foi verificada a ocorrência desse preconceito entre os professores da rede pública no município de Floriano/PI.

***Fauston Negreiros
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer
Ludgleydson Fernandes de Araújo***

Incidência de preconceito racial em professores: um preditor de fracasso escolar de estudantes?

The incidence of racial prejudice on teachers: a predictor of school failure of students?

<http://dx.doi.org/10.18316/rcd.v8i16.2886>

FAUSTON NEGREIROS*
REBECA DE ALCÂNTARA E SILVA MEIJER**
LUDGLEYDSON FERNANDES DE ARAÚJO***

Resumo

Este trabalho resulta da investigação da incidência do preconceito racial em professores da rede pública, considerando sua relação com a produção de ações que levem ao fracasso escolar dos discentes. A metodologia foi quantitativa, exploratório-descritiva. Participaram 201 professores de ambos os sexos, entre 25 e 59 anos, do Ensino Fundamental público de Floriano/PI, correspondendo a 44,46% da amostra significativa da localidade. Os dados foram coletados com a Escala de Racismo Moderno e analisados estatisticamente pelo programa *GraphPadPrism* para estimar aspectos da categorização e variáveis envolvidas acerca do preconceito racial. Constatou-se que a discriminação é expressa de forma silenciada, por meio do falso mito da democracia racial: embora os entrevistados tenham-se declarado isentos de preconceitos, os conteúdos de suas concepções mostram o contrário.

* Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará; Professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do Programa de Pós-Graduação Ciência Política e do Programa de Pós-Graduação (Stricto Sensu) em Sociologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, PI, Brasil; Email: faustonnegreiros@ufpi.edu.br

** Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará; Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB, CE; Email: rebecca.ameijer@unilab.edu.br

*** Doutor em Psicologia pela Universidad de Granada, Espanha com período sanduíche na Università di Bologna (Itália); Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociologia (Stricto Sensu) e do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí/UFPI, PI; Email: ludgleydson@yahoo.com.br

Palavras-chave: Preconceito racial. Professores. Desempenho escolar. Fracasso.

Abstract

This work results from an investigation on the incidence of racial prejudice on public school teachers, considering their relationship with the production of actions that lead to the school failure of the students. The method was quantitative, exploratory and descriptive. The study consisted on 201 teachers of both genders, between 25 and 59 years old, which belong to a public elementary school of the city of Floriano/PI, corresponding to 44.46% of the representative sample of the locality. Data were collected with the modern racism scale, and statistically analyzed by GraphPadPrism program to estimate aspects of categorization, and variables involved in racial prejudice. It was found that the discrimination was expressed in a muted way through the false myth of racial democracy: although the teachers had declared themselves free of prejudices, the contents of their conceptions show otherwise.

Keywords: Racial prejudice. Teachers. Scholarship performance. Failure.

Introdução

A presente pesquisa é pautada em estudos realizados em torno do preconceito racial velado, relacionando-o aos contextos educacionais, com destaque à perspectiva da atuação docente, na qual foi verificada a ocorrência desse preconceito entre os professores da rede pública no município de Floriano/PI.

Dessa maneira, surgem as discriminações e círculos de preconceitos, devido a fatores relacionados à cor da pele, à religião, à orientação sexual, à etnia, à raça, dentre outros. Podemos definir o preconceito racial especificamente como uma ideia preconcebida, suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou refletida. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória (MUNANGA, 2008).

Ao se refletir acerca do preconceito racial e suas relações com a escolarização, Patto (2010) afirma não existir apenas “um preconceito” no cotidiano escolar, mas, na verdade, “preconceitos escolares”, dentre os quais são contempladas as etnias, as origens sociais e regionais, o histórico alimentar das crianças, entre outros, que se entrecruzam, compondo uma gama de ações e expectativas limitadoras em torno das possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos no âmbito escolar (e fora também!).

No ano de 2006, entre cerca de 14,4 milhões de analfabetos brasileiros, mais de 10 milhões eram pretos¹ e pardos. As taxas de analfabetismo para

¹ O termo ‘preto’ permitia selecionar a cor como marca racial para distinguir, a um tempo, um estoque racial e uma categoria social em situação societária ambígua, para não dizer francamente marginal (FERNANDES, 1965, p. 219)

a população de 15 anos ou mais de idade foram de 6,5% para brancos e de mais que o dobro, 14%, para pretos e pardos. A taxa de analfabetismo funcional segue a mesma diferença: entre brancos, 16,4%, pretos, 27,5%, e pardos, 28,6% (IBGE, 2007). Dessa forma, precisa-se ressaltar que esses dados são bem alarmantes. Necessita-se, portanto, do apoio do governo, pois, quando se fala em educação, imagina-se que esta seja direcionada, de uma forma geral, para todos, mas aqueles prioritariamente beneficiados nesse sentido são os brancos.

Assim, a relevância social deste estudo está em disponibilizar à sociedade, de uma forma mais abrangente, principalmente ao contexto educacional florianense/piauiense, os possíveis indicadores do preconceito racial a partir da concepção de professores da rede pública.

O preconceito racial e a educação

Em uma sociedade caracterizada pela luta de classes, a despeito dos ensinamentos e valores de que todos deveriam ser tratados como iguais, ainda se encontra presente uma distinção denominada preconceito racial. Desse modo, o preconceito constitui-se como algo pertinente no cenário sócio-histórico-cultural do Brasil.

Na história do Brasil, a população negra foi destinada a trabalhar como escrava nas plantações de cana-de-açúcar, na colheita do café, servindo seus senhores/senhoras e sendo submetida às piores condições de moradia e trabalho. Muitas vezes, as pessoas eram agredidas fisicamente pelos senhores.

Não obstante, com o passar dos séculos, começam a nascer novos caminhos para os negros, avanços estes como o direito de uma educação de qualidade, mas que ainda não é suficiente. Diz-se atualmente que o país é considerado miscigenado, mas o que se presencia são outras realidades. Constatam-se pessoas sendo espancadas, seja pela sua raça, seja por sua cor, etnia, gênero, escolha sexual, dentre outras, marcando o preconceito racial existente em todos os lugares sociais (CANEN, 2009).

A terminologia da palavra racismo pode ser conceituada como: “qualidade ou sentimento de indivíduo racista; atitude preconceituosa ou discriminatória em relação a indivíduo(s) considerado(s) de outra raça” (FERREIRA, 2011, p. 2). Em outras palavras, o racismo é classificado como a ação de enquadrar o sujeito numa situação de inferioridade, a partir de fatores julgados como inferiores em relação ao que a sociedade estabelece como padrão.

Destarte, o preconceito racial tem sido um dos principais agentes causadores da violência que se tem consolidado dentro do segmento educacional. Percebem-se, nas escolas, atitudes racistas vindas de professores e alunos. Nesse aspecto, “a reprodução do preconceito é um círculo vicioso: pessoas preconceituosas podem praticar no seu cotidiano atos racistas, que alimentam uma sociedade preconceituosa e racista, formando novos sujeitos com as mesmas concepções” (OLIVEIRA, s.d., p. 7). Por isso, a escola exerce um papel fundamental para o estabelecimento das relações sociais entre os sujeitos.

As relações interpessoais na escola e o desenvolvimento dos alunos

Na escola, as crianças, os jovens e os adolescentes são cercados por diversas culturas e rotineiramente se percebem como indivíduos vítimas de preconceito, oriundo não apenas da sua cor, mas de seu gênero, etnia, crença, religião ou raça. Com isso, “mostra que somos uma sociedade multiétnica constituída historicamente a partir de uma diversidade de culturas” (FLEURI, 2003, p. 54).

O respeito às diferenças é uma das mais importantes discussões no contexto atual e, na escola, precisam ser trabalhadas as questões multiculturais, pois, quando a criança entrar em contato com o próximo, o respeito deve estar fortalecido nas relações. Nesse aspecto, conforme Gonçalves e Silva (2004, p. 11), faz-se mister “falar do jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades em que vivem”.

Na escola, são presenciadas situações entre o professor e o aluno necessárias para a construção do indivíduo (LEITE; TASSONI, 2002). As relações sociais permitem ao educando adquirir conhecimentos, trocas de experiências, com isso, favorecendo a aprendizagem.

Fazendo referência à teoria vigotskiana, compreende-se a aprendizagem como algo que está inter-relacionado desde o nascimento; ou seja, está ligada a fatores internos e externos acerca do indivíduo. Dessa forma, torna-se imprescindível a interação do professor com o aluno.

Até a segunda metade do século XIX, ainda não eram encontrados registros na história dos afrodescendentes sobre a participação dos negros durante a escolarização, pois suas trajetórias de vida eram marcadas por preconceitos e discriminações (ROMÃO, 2005).

Corroborando esse segmento, os negros da história do Brasil não se conhecem como emancipadores da história do país, mas como sujeitos inferiores devido à sua classe, sua cor, sua religião, sentindo-se, assim, como desiguais.

Alçado a esta ideia, o preconceito racial existente dentro das escolas pode causar grandes tensões com relação aos enfrentamentos relativos à discriminação. Nesse sentido, é preciso que não só os educadores sejam pessoas conscientes do seu papel como tal, mas, de um modo geral, toda a equipe educacional e que a escola esteja pautada em um espaço de harmonia, de relações sociais, de diversos costumes, de tradições e principalmente a aprendizagem.

Metodologia Tipo de estudo

O estudo aqui ensejado consiste numa pesquisa de abordagem quantitativa, e, quanto aos seus objetivos de pesquisa, é classificada como exploratório-descritiva, conforme aponta Gil (2002). Dessa maneira, entende-se que o

foco deste trabalho, sobretudo quanto à essência dos métodos quantitativos, depende de grandes amostras selecionadas aleatoriamente, possibilitando, com isso, inferências e generalizações para toda a população estudada.

Local de realização do estudo

Realizou-se o estudo em 28 escolas da rede pública de ensino, dentre as 36 que possuem Ensino Fundamental na cidade de Floriano/PI. Quanto à localização de tais instituições, todas estão alocadas no perímetro urbano do município florianense, dentre as quais foram eleitas seguindo-se apenas como indicador o fato possuírem a modalidade de ensino já citada.

População e amostra

A população e amostra foram compostas por professores que atuam em escolas da rede de ensino público em Floriano – PI. Assim, fizeram parte da pesquisa 201 professores, em um grupo composto por sujeitos de ambos os sexos, com faixa etária entre 25 e 59 anos. Tais professores foram localizados em meio às 36 escolas do Ensino Fundamental público da microrregião de Floriano/PI, correspondendo a 44,46% da amostra significativa do total da população de 452 professores da localidade. Como critérios de inclusão para tais participantes foram considerados: o pertencimento ao quadro de professores efetivos ou auxiliares do Ensino Fundamental público de Floriano; e o aceite em participar da pesquisa. Por outro lado, frente aos critérios qualitativos de exclusão, teve-se apenas a não contemplação de tais critérios listados.

A amostra caracterizou-se por ter 21,42% de negros, 35,71% de pardos e 42,85% de brancos, valendo-se destacar que tal indicação sucedeu conforme denominação dos próprios respondentes ao instrumento de coleta dos dados.

Instrumento de coleta de dados

Fez-se uso da Escala de Racismo Moderno, que foi adaptada por Santos et al (2006) para a realidade brasileira. Ela tem por objetivo investigar a sutileza do preconceito racial velado nos discursos e nas atitudes sociais. Essa escala foi inicialmente desenvolvida por McConahay em 1986, conforme aponta Munanga (2008) e, posteriormente, teve uma nova versão desenvolvida pelos demais cientistas educacionais, da antropologia social e do comportamento humano.

Nesta versão utilizada para a presente pesquisa, os respondentes deveriam ler os itens e indicar o quanto concordavam ou discordavam, utilizando-se para tanto, uma escala do tipo *Likert* com os seguintes extremos: 1 = Discordo Totalmente e 7 = Concordo Totalmente.

Não obstante, algumas informações foram também coletadas concomitantemente aos participantes, como sexo, idade e raça, sendo todos estes itens respondidos pelos próprios participantes da pesquisa.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta dos dados sucedeu após assinado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido/ TCLE, conforme apontam as regulamentações de ética em pesquisa com seres humanos, em consonância com a Resolução 196/96.

Os questionários foram aplicados aos professores do Ensino Fundamental da rede pública de Floriano/PI. A escolha dos respondentes sucedeu mediante os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa. Os instrumentos de coleta de dados foram distribuídos nas escolas, com a mediação dos pesquisadores, a fim de que os professores respondessem à pesquisa. Essa distribuição seguiu-se de acordo com o levantamento prévio realizado pela Secretaria Municipal de Educação, quanto à localização geográfica da escola e ao número de professores de cada uma destas.

Logo após o aceite em participar da pesquisa e a subsequente assinatura do TCLE, os questionários foram aplicados individualmente e em ambiente reservado, tendo preservado o sigilo necessário para a coleta. Não obstante o fato de a pesquisa contar com espaços distintos para a coleta dos dados, o que implica na emersão de variáveis frente à pesquisa, pode-se indicar como alto o retorno alcançado: logo foram entregues 280 questionários impressos e obteve-se um retorno de 201 (71,7%).

Procedimentos de análise dos dados

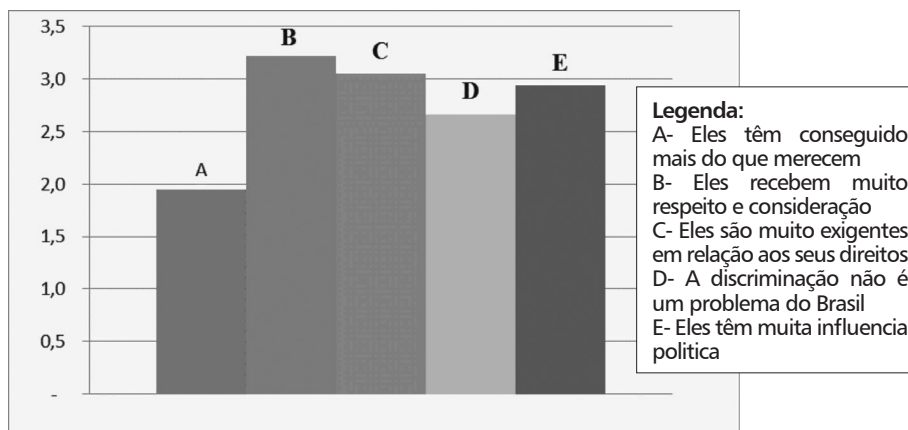
Seguidamente à coleta, os dados foram digitados em uma planilha montada no programa *Excel*. Assim sendo, os dados coletados foram analisados estatisticamente pelo programa *GraphPad Prism* para estimar aspectos da categorização, especificando a caracterização e variáveis envolvidas acerca do preconceito racial velado.

A relação entre os dados sociodemográficos e os indicadores do preconceito racial, atribuídos por professores do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de Floriano/PI foram expressos em média \pm desvio padrão, analisados por meio de ANOVA, seguido do teste de Tukey (*post hoc*), com nível de significância $\alpha=0,05$ e o erro amostral 5%.

Apresentação e discussão dos dados

Essa pesquisa teve a participação de 201 professores do ensino público da microrregião (Floriano/PI). Para uma melhor compreensão dos dados, fez-se necessário apresentá-los em gráficos ilustrativos, abrangendo médias resultantes de uma escala de conceitos numéricos, apresentados da seguinte forma: **Discordo totalmente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo totalmente**. Cada questionário foi composto por 14 indagações, tendo como objetivo obter um conceito acerca do preconceito racial velado, expresso por professores, conforme explicita a escala. Assim sendo, segue o Gráfico 1.

Gráfico 1: Indicadores do preconceito racial velado em professores do Ensino Fundamental, Florianópolis, 2013. (amostra = 201)



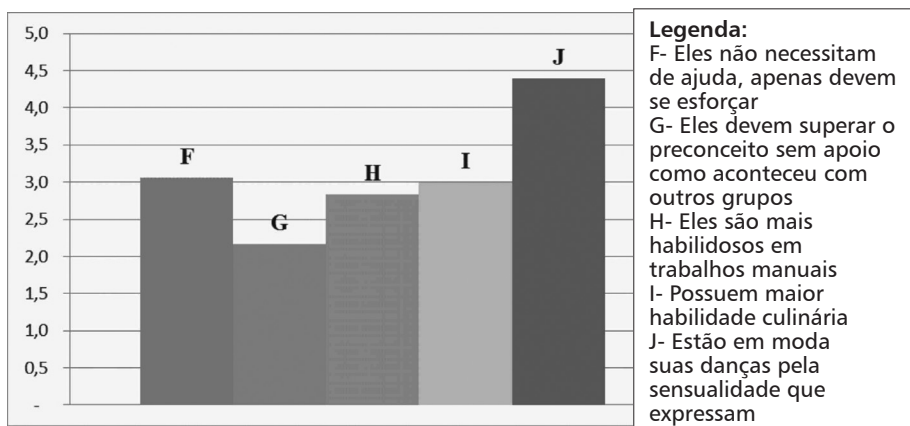
Fonte: Banco de dados dos pesquisadores; Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Educacional e Queixa Escolar/PSIQUED, UFPI.

Diante dos dados apresentados no gráfico 1, as categorias mais elevadas são os itens (B), (C) e (E). Já os itens (A) e (D) não possuem um grau de elevação.

Sobre isso, Lopes (2005, p. 186) ressalta que “um olhar atento sobre a realidade do povo brasileiro mostra uma sociedade multirracial e pluriétnica que faz de conta que o racismo, o preconceito e a discriminação não existem”. Então, a sociedade ainda não tem a devida coragem de dizer que possui sim preconceito, mas que este se encontra de modo velado cotidianamente. Desse modo, é uma característica a qual está consolidada dentro de cada um, mas prefere-se mascarar esse fenômeno com o propósito de esconder uma identidade racista que aflora dentro de si (Ibidem).

Nesse sentido, Rezende (2012, p. 14) ressalta que “as alusões às pessoas negras estão dotadas de qualidades físicas, destinadas a se destacarem especificamente nos âmbitos da dança, do esporte e da sexualidade, numa evidente expressão de racismo”. Assim, é constituído um rótulo atribuído às pessoas negras como se estas fossem diferentes das demais.

Gráfico 2: Indicadores do preconceito racial velado em professores do Ensino Fundamental, Florianópolis, 2013. (amostra = 201)



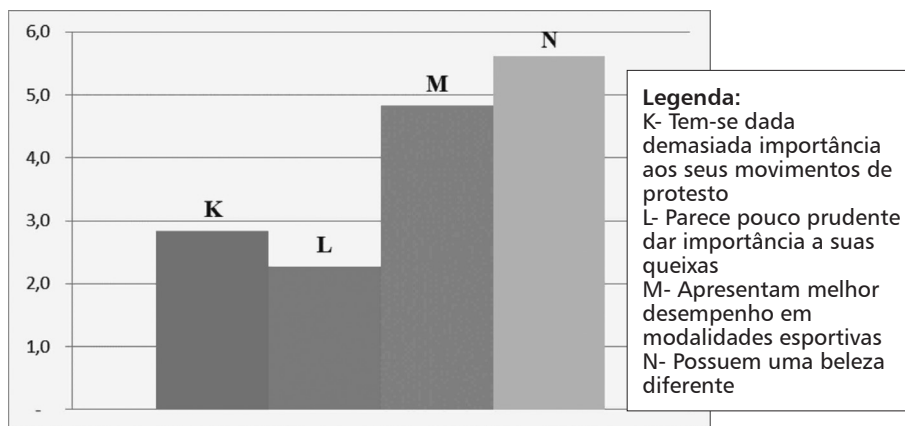
Fonte: Banco de dados dos pesquisadores; Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Educacional e Queixa Escolar/PSIQUED, UFPI.

No gráfico 2, a categoria (J) é o aspecto mais evidente a partir dos dados coletados, seguida do item (F) e (I). Já os itens (G) e (H) não se mostraram tão em evidência.

Segundo Gonçalves e Silva (2004, p. 23), o tema das questões raciais deve ser respeitado, tornando-se, pois, relevante respeitar a identidade, o conhecimento e as culturas de cada povo. Desse modo, é preciso incentivar uma reeducação que deve ser guiada para as relações interpessoais.

Percebe-se que há, no ambiente escolar, diversas situações de preconceito. Por isso, é primordial que a escola como instituição formal de ensino trabalhe com as diferenças, com a valorização das identidades e, de forma concomitante, ocasionar as interações sociais entre os sujeitos (BONI, s.d.).

Gráfico 3: Indicadores do preconceito racial velado em professores do Ensino Fundamental, Florianópolis, 2013. (amostra = 201)



Fonte: Banco de dados dos pesquisadores; Núcleo de Pesquisas e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Educacional e Queixa Escolar/PSIQUED, UFPI.

A partir dos dados coletados no gráfico 3, as categorias (M) e (N) se encontram em maior evidência. Já os itens (K) e (L) não se mostraram desta forma. Segundo Rezende (2012, p. 17):

[...] as políticas afirmativas e a própria luta do negro/a com os movimentos têm energizado esse processo cultural, o que equivale a fortalecer cada vez mais essas mobilizações no sentido de acelerar tal amadurecimento cultural em nosso país.

Com isso, percebe-se que os negros estão lutando pelos seus objetivos, fazendo com que suas culturas sejam respeitadas.

Na escola, os conflitos proporcionam as interações entre os sujeitos. Estudos apontam que pouco se tem avançado para a erradicação da prática preconceituosa no ambiente escolar. E, cotidianamente, observam-se crianças humilhando e ofendendo seus colegas, professores, funcionários por diversos motivos, desde a aparência até o nível cognitivo (LOBO, 2013).

Desse modo, Amaral (1998, p. 11) diz que a violência atribuída à criança negra em sala de aula, seja por meio de insultos ou por expressões de origem racista, são concebidas como “normal” pelo seu grupo social, deixando-se, assim, de dar a devida importância às queixas feitas pelas vítimas da discriminação. A criança acaba sofrendo esses preconceitos, mas aparentemente tais situações são consideradas normais, pois, nesse país, as discriminações são visíveis cotidianamente e pouco se faz para que elas acabem.

Considerações finais

Diante dos resultados obtidos acerca da investigação da incidência do preconceito racial em professores da rede pública, considerando sua relação com a produção de ações que prejudiquem alguns discentes, foi possível verificar que a discriminação é expressa de forma silenciada. Embora os entrevistados tenham-se declarado isentos de preconceitos raciais, os conteúdos de suas concepções expressam o oposto.

Não obstante, o preconceito racial no cotidiano educacional, sobretudo quando relacionado ao desempenho escolar, pode atuar como um determinante das ações pedagógicas dos docentes, na medida em que pode permear suas expectativas em torno dos alunos e regular sua prática de ensino. Igualmente, o preconceito racial pode operar como produtor do próprio fracasso escolar, já que tais docentes são mediadores primordiais dos processos de aprendizagem e desenvolvimento no cotidiano escolar.

Além disso, é importante salientar que esse estudo é de suma importância para se refletir sobre as ações pedagógicas manifestas em sala de aula como indicador do preconceito racial expresso na sociedade. Logo, o estudo disponibiliza, mesmo que a partir de um recorte local, indícios de preconceito racial existente nas concepções de professores do Ensino Fundamental. Assim, apesar de o estudo apresentar limitações, futuras análises podem ser realizadas, inquirindo-se os processos que engendram a experiência da escolarização frente ao preconceito racial, ao se considerar as concepções docentes acerca da aprendizagem de estudantes negros e seu grau de interferência no trabalho do educador.

Referências

AMARAL, Ligia Assumpção. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceito, e sua superação. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. 5 ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.

BONI, Márcia Regina. Formação docente para a diversidade racial: uma experiência no CEFAPRO de Sinop/MT. **NEED**, s.d.. Disponível em: <http://need.unemat.br/3_forum/artigos/10.pdf>. Acesso em: 26 maio 2013.

CANEN, A.. Avaliação da Aprendizagem. In: Canen, A; Santos, A R dos. (Org.). **Educação multicultural: teoria e prática para professores e gestores em Educação**. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2009, p. 41-58.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1965.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP& A, 2003, p. 156.

- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: multiculturalismo e seus contextos**. 3 ed., 2 Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- IBGE. Pesquisa divulgada pelo IBGE demonstra discriminação racial no Brasil. Dados da Pnad mostram que pretos e pardos têm piores condições de educação, renda e expectativa de vida. **Revista Época**, 28 set. 2007. 488 ed. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG79299-6009,00-PESQUISA+DIVULGADA+PELO+IBGE+DEMONSTRA+DISCRIMINACAO+RACIAL+NO+BRASIL.html>>. Acesso em: 28 jun. 2013.
- LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In.: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. (Orgs). **Psicologia e formação docente: desafios e conversas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LOBO, Bárbara Natália Lages. **A discriminação racial no Brasil: verdades e mitos**. Minas Gerais: PUC, 2013.
- LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2 ed. revisada / Organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.
- OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. A questão racial na escola. **Portal Dia a dia Educação**, s.d. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-8.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2013.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- REZENDE, Eduardo da Fonseca. **A educação como formadora de consciência na luta contra o preconceito racial**. Conselheiro Lafaiete Ouro Preto: UFPO, 2012.
- ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- SANTOS, Ângela Maria. **Vozes e silêncio do cotidiano escolar: as relações raciais entre alunos negros e não-negros**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.
- SANTOS, W. S. et al. Escala de Racismo Moderno: Adaptação ao contexto brasileiro. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 637-645, set./dez. 2006.